

Literatura amazônica: os encantos de uma literatura pouco estudada em sala de aula

Amazonian literature: the charms of a literature which is little studied in the classroom

Jayna Karolyne de Souza Santos

Graduanda em Letras, pela Universidade do Estado do Pará.

E-mail: jaynakarolyne@gmail.com

Resumo: Há tempos se postula em congressos, simpósios e seminários acadêmicos locais a necessidade de trabalhar-se a literatura amazônica na educação básica, pois ela tem sido desvalorizada pelo poder público e ignorada por muitos profissionais de Letras, livros didáticos e paradidáticos. Assim, este artigo busca respostas para as seguintes perguntas de pesquisa: 1. Qual o lugar da produção literária amazônica na vida das pessoas que vivem nesta e em outras regiões do Brasil? 2. Com que frequência os autores amazônicos aparecem nos livros didáticos e paradidáticos de circulação nacional financiados pelo MEC? 3. Será que podemos estimular nossos alunos à leitura de textos produzidos no anfiteatro amazônico? Para a construção dessa pesquisa, tomamos por base as reflexões de estudiosos da área, tais como: Fares (2013); Lajolo (1993); Silva (2013); Zilberman (1991); entre outros. A partir das discussões realizadas, concluímos que a leitura literária na escola não deve ser encarada como obrigação pelos professores; que os livros didáticos e paradidáticos precisam valorizar e divulgar os autores da região amazônica e que é possível trabalhar-se a literatura amazônica em sala de aula, pois ela reflete o nosso local cultural amazônico, isto é, a forma como percebemos o mundo, os povos e as florestas.

Palavras-chave: Leitura. Literatura amazônica. Livro didático e paradidático. Sala de aula.

Abstract: It has been postulated at conferences, Symposia and local academic seminars the need to work the Amazon literature in basic education, as it has been devalued by the government and ignored by many Letters professionals, by textbooks and by books. Thus, this article seeks answers to the following research questions: 1. What is the place of the Amazon literary production in the lives of people living in this and other regions of Brazil? 2. How often do Amazonian authors appear in textbooks and books of national circulation financed by MEC? 3. Can we encourage our students to read texts produced in the Amazon amphitheater? For the construction of this research, we based the reflections in scholar such as: Fares (2013); Lajolo (1993); Silva (2013); Zilberman (1991); among others. From the discussions, we concluded that literary reading in school should not be seen as an obligation by teachers; the textbooks and books need to promote and disseminate the authors of the Amazon region; and it is possible to work Amazon literature in the classroom, because it reflects our Amazon cultural site, that is, how we perceive the world, people and forests.

Keywords: Reading. Amazon literature. Textbook and Educational books. Classroom.

1 Considerações iniciais

Quando se discute sobre o mau desempenho do ensino de literatura e da formação do leitor nas escolas brasileiras, em especial naquelas que oferecem o ensino público, costuma-se apontar como causas fundamentais as políticas educacionais equivocadas, a ausência de livros literários nas bibliotecas escolares, o desprezo de muitos professores em relação ao não cânone, o desinteresse dos alunos e a falta de preparo de alguns profissionais de Letras que tratam o ensino de literatura como prestação de contas, deveres, tarefas e obrigações.

Esse desencontro entre leitor e texto não acontece apenas diante dos clássicos da literatura universal, mas também diante da literatura amazônica. Há tempos se postula em congressos, simpósios e seminários acadêmicos de âmbito local a necessidade de trabalhar-se a literatura oral e a leitura de autores amazônicos na educação básica; fato que revela a busca por referências ao nosso local cultural amazônico, aquilo que expressa a nossa forma de perceber o mundo, a natureza, os povos e as florestas.

Essa busca não procura substituir grandes poetas, romancistas e cronistas brasileiros e estrangeiros que se fazem presentes nos livros didáticos e paradidáticos distribuídos de norte a sul do país, mas obter respostas para as seguintes perguntas de pesquisa: 1. Qual o lugar da produção literária amazônica na vida das pessoas que vivem nesta e em outras regiões do Brasil? 2. Com que frequência os autores amazônicos aparecem nos livros didáticos e paradidáticos de circulação nacional financiados pelo MEC? 3. Será que podemos estimular nossos alunos à leitura de textos produzidos no anfiteatro amazônico?

A motivação para esta pesquisa deu-se a partir do Projeto de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) intitulado “Da literatura brasileira de expressão amazônica ao audiovisual: um convite às leituras de obras produzidas no anfiteatro amazônico”, do qual sou voluntária. O projeto tem como objetivo estimular a leitura, de autores amazônicos e da literatura oral produzida em nossa região, em alunos do ensino fundamental de uma escola pública¹ do município de Belém, capital do estado do Pará. Esse projeto faz parte do Núcleo de Pesquisas Culturais e Memórias Amazônicas (CUMA), coordenado pela professora Dra. Josebel Akel Fares, da Universidade do Estado do Pará (UEPA).

Para a construção desta pesquisa, além do projeto, foram selecionados como base teórica os trabalhos de Fares (2013); Lajolo (1993); Silva (2013); Zilberman (1991); entre outros. O artigo está organizado em três partes: na primeira, refletimos sobre o ensino de literatura e o texto literário na escola; na segunda, discutimos sobre a literatura amazônica nos livros didáticos e paradidáticos, e os principais trabalhos realizados para a sua valorização; por fim, na terceira parte, realizamos as considerações finais acerca do que foi discutido durante esta pesquisa.

¹ Desenvolvemos o projeto na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Santo Afonso, localizada na Rodovia Arthur Bernardes. Na escola, trabalhamos com a turma do 5^a ano do ensino fundamental.

2 A leitura literária na escola

Quando lemos literatura fora do ambiente escolar, não estamos preocupados em responder questões colocadas pelos livros didáticos ou pelo professor. E esse é o grande valor da ficção: curtimos a história; identificamo-nos com as personagens; o enredo em geral nos captura e nos prende do início ao fim da leitura, despertando a curiosidade, e assim vamos construindo nossos valores a partir do que lemos. Esse é o polo da transformação ou da autoeducação. Na escola, contudo, as preocupações vêm à tona. Livros são selecionados pelo professor a partir de temas transversais para ilustrar questões de interesse da disciplina, do conteúdo ou de outros objetivos relacionados ao trabalho escolar (REZENDE, 2013, p. 23).

Entretanto, não é possível a formação de leitores sem uma leitura prazerosa e descompromissada com os deveres escolares. É preciso permitir que o aluno escolha a obra que deseja ler, o gênero literário que mais lhe parece atraente, pois a leitura não pode ser interpretada pelo aluno como sinônimo de obrigação ou, até mesmo, de tortura.

O emprego do texto literário em sala de aula funda-se ou devia fundar-se em uma concepção de literatura muitas vezes deixada de lado em discussões pedagógicas que afastam os problemas teóricos como irrelevantes ou elitistas diante da situação precária que aguarda o professor de literatura em sala de aula. O resultado dessa situação é o desencontro de expectativas entre professores e alunos: estes veem a literatura como algo chato, enfadonho e sem utilidade alguma; aqueles concebem o ensino de literatura como prestação de contas, deveres e obrigações. Fato comprovado por uma pesquisa feita pela Abril Educação², na qual professores comentam o ensino de literatura com amargor e desencanto.

[...] muitos não lêem com a desculpa de que não têm tempo, sendo que para assistir TV sempre dispõem de tempo [...]

Só a leitura e o incentivo pelos bons autores (sic) poderá melhorar a redação dos alunos, cada vez mais pobre e restrita pela TV [...] (LAJOLO, 1993, p. 12)

Por outro lado, a mesma pesquisa traz comentários de professores aparentemente satisfeitos com seu desempenho frente ao ensino de literatura: “lêem porque eu incentivo muito e às vezes até dramatizo o assunto resumidamente, para que o aluno se interesse mais por leitura [...]. Após um trabalho árduo e longo, o hábito de leitura parece ter sido implantado” (LAJOLO, 1993, p. 13).

No entanto, conforme Lajolo (1993), essas falas são repletas de obrigações e cobranças em harmonia com uma escola amarga e curtida por políticas educacionais equivocadas. Nesse contexto escolar confuso, discussões e propostas para usos do texto literário em classe podem transformar-se em verdadeiras armadilhas para um professor desesperado. Todavia, técnicas milagrosas para um convívio harmonioso com o texto literário não existem.

² Os textos de professores foram extraídos por Lajolo (1993) de pesquisa feita pela Abril Educação, como parte da promoção da Série Literatura Comentada, lançada nacionalmente em 1981.

Assim, torna-se necessário refletir sobre alguns traços que as modernas pedagogias e certos modelos de escola renovada imprimiram à educação, especialmente ao ensino literário, como o conceito *motivação*, pois é em nome dele que a obra literária pode ser totalmente desfigurada ou destruída na prática escolar.

Atualmente, muitos professores de literatura, que buscam formar leitores em sala de aula, têm apelado à dramatização e ao resumo do texto literário numa tentativa de tornar a literatura menos enfadonha ao aluno. Entretanto, Lajolo (1993) nos alerta que não se pode fugir de alguns encaminhamentos tradicionais que o ensino de literatura toma, tais como: a inscrição do texto na época de sua produção; a inscrição, no texto, do conjunto dos principais juízos críticos que sobre ele se foram acumulando; e a inscrição do *e* no texto, no *e* do cotidiano do aluno.

Como vimos, a leitura literária em sala de aula mostra-se problemática em todo o território nacional e, no que se refere à formação de leitores na Amazônia paraense, esse quadro é ainda pior. Segundo Silva (2013), o desinteresse e o distanciamento dos estudantes paraenses em relação aos livros e à leitura aparecem tanto em antigos como em recentes estudos sobre a educação e aprendizagem leitora, como na pesquisa feita pelo Instituto Pró-livro e pelo IBOPE, que publicaram, em 2011, um panorama amplo da leitura no país³. Os dados divulgados por essas pesquisas confirmam que nós, professores, devemos repensar nossa metodologia de ensino da literatura em sala de aula e que as políticas educacionais de incentivo à leitura precisam ser revisadas.

3 A literatura amazônica nos livros didáticos e paradidáticos

O que fazer com o texto literário em sala de aula não é mais preocupação do professor. Já faz alguns anos que decidir isso é da competência das editoras, livros didáticos e paradidáticos, muitos dos quais se afirmaram como monopolizadores do mercado escolar por retirarem dos ombros dos professores a árdua tarefa de preparar as aulas (LAJOLO, 1993, p. 14-15).

O emprego do livro didático na escola remonta aos primórdios desta. Suporte do aprendizado das primeiras letras, o livro passou por diversas fases ao longo da história da educação brasileira. A ele foi dada a incumbência de acompanhar o estudante no transcurso da vida escolar, servindo de depósito de informações e fontes de exercícios. Por isso, transcendeu a sala de aula e transformou-se em uma ótima fonte de renda para autores, editoras e livrarias.

A autora Zilberman (1991) considera o livro didático imediatista e descartável, pois o tipo de ensinamento que ele propicia – regras linguísticas ou informações a respeito da história literária – só adquire sentido no futuro, quando o estudante precisar dele no exame vestibular, em um concurso ou na redação de um ofício ou requerimento.

Em sala de aula, o livro didático é catastrófico, possui o poder de excluir a interpretação e, com isso, exilar o leitor após uma prazerosa leitura de um texto literário. Seu autoritarismo se apresenta ainda com mais força, quando o livro didático se faz portador de normas linguísticas, repletas de ideologia do padrão culto e

³ *Retrato da Leitura no Brasil*. Pró-Livro, IBOPE, novembro de 2011.

expressão de classes e setores que exercem a dominação social e política no país. Ou quando a interpretação se imobiliza em respostas fechadas, de escolhas simples, promovidas por fichas de leitura que anulam a experiência pessoal com o texto (ZILBERMAN, 1991, p. 21).

A perspectiva do ensino literário, nos livros didáticos de língua portuguesa e em alguns currículos escolares, ainda é marcada pela *História da Literatura – Trovadorismo, Barroco, Arcadismo, Parnasianismo etc.* – em detrimento do uso efetivo do texto, prerrogativa básica na formação de leitores. Assim, Sampaio e Souza (2015, p. 23) ressaltam:

é digno de menção que o problema não é apenas ensinar estilos de época e os textos dos autores mais representativos de determinada época, a questão é limitar o ensino de literatura nas escolas a essa conduta, pois tal metodologia não pode ser a protagonista do ensino de literatura na educação básica uma vez que pouco, ou quase nada, contribui para a formação do leitor literário.

Além disso, segundo Oliveira (2010, *apud* SAMPAIO; SOUZA, 2015, p. 23-24), o enfoque histórico dado à literatura no ensino médio acarreta num sério problema: o professor apresenta o maior número possível de autores para dar conta dos movimentos literários no pouco tempo que dispõe em sala de aula, dando um enfoque superficial às obras e aos autores citados. Assim, o ideal seria que os professores se detivessem a um menor número de obras para poder discuti-las e trabalhá-las profundamente ou, ainda, que os textos apresentados aos alunos possuíssem extensão pequena, como as crônicas, contos, poemas etc.

O livro didático pode ser amplamente encontrado em milhares de escolas públicas brasileiras. É comum vermos estudantes pelas ruas e escolas carregando livros das mais variadas áreas do conhecimento. Fato que comprova os altos investimentos do Governo Federal na compra de livros didáticos e paradidáticos. Prado (2007, *apud* SILVA, 2013, p. 96) estima que os empresários do setor editorial faturem cerca de três bilhões de dólares ao ano, em contraste com os baixos índices de leitura do país.

Outro ponto a ser ressaltado é que muitos estudantes da educação básica têm o livro didático como único material de acesso à leitura, já que existe uma carência significativa de bibliotecas escolares com acervo de literatura diversificado. Prado (2007, *apud* SILVA, 2013, p. 96-97) calcula que das 240 mil escolas públicas brasileiras, apenas 20 mil são contempladas pelo PNBE (Programa Nacional de Biblioteca Escolar) e possuem um acervo mínimo de qualidade.

No que se refere à presença da literatura amazônica nos livros didáticos e paradidáticos distribuídos pelo MEC, Silva (2013) nos diz que é perceptível o quanto são contraditórios os discursos oficiais a respeito da diversidade e das peculiaridades de cada região, pois, ao analisar uma das obras distribuídas a estudantes de escolas públicas do estado do Pará, constatou-se a ausência de textos de autores da Amazônia paraense. “Em **Letramento e Alfabetização Linguística e Alfabetização Matemática** (2011), da autora Eloisa Bombonatti, dos 24 textos trabalhados, nenhum tem como autoria escritores do norte do país” (SILVA, 2013, p. 97).

Segundo Silva (2013), da Coordenação Pedagógica do Movimento de Alfabetização de Adultos e Jovens de Belém (MOVA-Belém) da Secretaria Municipal de Educação (SEMEC), o livro didático analisado atende cerca de 3.400 estudantes, sendo selecionado por 34 coordenadores de equipes de professores alfabetizadores.

Os livros paradidáticos analisados por Silva (2013) pertencem à coleção “Literatura em Minha Casa”. Distribuídos nas escolas públicas de todo país pelo MEC, esses livros fazem parte de um projeto do Governo Federal para estimular a leitura de obras literárias entre os alunos da rede pública.

Silva (2013) analisou 100 livros da coleção, sendo 40 coletâneas de textos de diversas autorias e 60 livros de autoria individual, somando 310 autores, dos quais apenas dois são paraenses, isto é, menos de 1% dos textos literários são de autores locais.

Silva (2013) ressalta, em seu trabalho, que a organização e apresentação das obras são realizadas por escritores e críticos literários oriundos da região Sudeste do país. Nas obras individuais da mesma coleção, das 60 obras analisadas, não foram encontrados autores paraenses e, muito menos, de qualquer unidade federativa da região Norte.

As políticas de acesso ao livro didático e à leitura no Brasil estão muito longe do que se deseja para a construção de um país de leitores. O livro didático ainda apresenta problemas em sua formação, como a fragmentação de textos literários e o enfoque excessivo à História da Literatura, fato que torna o ensino literário superficial. Além disso, alguns professores prendem-se ao livro didático e ensinam literatura como uma obrigação a ser cumprida.

4 A valorização da literatura amazônica

As discussões acadêmicas regionais sobre o ensino de literatura amazônica na escola têm levantado várias questões como a falta de livros didáticos e paradidáticos que valorizem os autores da região amazônica, o desconhecimento de alguns professores em relação aos autores locais e a rejeição de muitos profissionais de Letras por obras oriundas do não cânone.

Entretanto, há na região amazônica vários projetos e ações que incluem saraus, encontros com escritores, varais poéticos, rodas de leitura e narração de histórias promovidas tanto no ambiente escolar quanto fora dele. Essas iniciativas quase sempre ocorrem por conta e risco de seus idealizadores, isto é, sem apoio governamental. Todavia, são de grande importância para enfrentar a invisibilidade imposta pela ineficácia das políticas educacionais voltadas ao segmento literário (SILVA, 2013, p. 99).

Como autores que contribuem para a ampliação literária e cultural de nossa região, podemos citar Antônio Juraci Siqueira – oriundo da ilha do Marajó, poeta, contador de histórias, professor de Filosofia e Técnico do Sistema Estadual de Bibliotecas (SIEBE) da Secretaria de Educação do Pará (SEDUC) – que, em aproximadamente trinta anos de atuação, editou mais de 80 títulos de obras, além de pertencer a várias organizações literárias e culturais e participar de Feiras Literárias e Salões de Livros (SILVA, 2013, p. 99-100).

Outra defensora da literatura amazônica é a escritora Heliana Barriga. Formada em Agronomia pela Faculdade de Ciências Agrárias (FECAP) e mestra em Genética e Melhoramento de Plantas, Heliana resolveu entregar-se à literatura, produzindo cerca de 40 obras com destaque para livros de poemas, peças teatrais e produções fonográficas. Atualmente, a autora é referência em produção literária infantojuvenil na Amazônia paraense (SILVA, 2013, p. 100).

Já entre os movimentos coletivos de incentivo à leitura, podemos destacar o trabalho do Instituto Cultural Extremo Norte. Essa entidade realiza projetos e ações diversas voltadas para o estímulo à leitura e valorização do escritor paraense, além de utilizar as redes sociais para divulgar eventos que incluem lançamentos de livros, relatos de experiência, apresentações literárias e musicais, entre outros (SILVA, 2013, p. 100-101).

Outro movimento coletivo que contribui para a valorização da literatura amazônica é o grupo de contadores de histórias Ayvu Rapta. Formado por educadores e profissionais da área da saúde, o grupo já atua, levando versos e narrativas da tradição oral e escrita, há, aproximadamente, cinco anos (SILVA, 2013, p. 101).

No que se refere a projetos desenvolvidos em sala de aula para incentivar a leitura e a valorização de autores amazônicos, cito o Projeto de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) intitulado “Da Literatura brasileira de expressão amazônica ao audiovisual: um convite à leitura de obras produzidas no anfiteatro amazônico”, do qual sou voluntária. O projeto faz parte do Núcleo de Pesquisas Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA), coordenado pela professora Dra. Josebel Akel Fares, da Universidade do Estado do Pará (UEPA).

Esse projeto tem, em sua essência, a inserção do audiovisual – desenhos, filmes, reportagens – e de atividades em sala de aula para tornar o ensino mais atrativo. Além disso, o projeto realiza o sorteio de livros para estimular a leitura.

Na primeira etapa do projeto, trabalhamos a literatura de cunho universal. Para isso, lemos e analisamos em sala de aula a obra de Lewis Carroll, Alice no País das Maravilhas e alguns contos de fada como Cinderela, Chapeuzinho Vermelho e Bela Adormecida, ilustrados em Histórias em Quadrinhos (HQ) por Maurício de Souza.

Na segunda e última etapa do projeto, inserimos a literatura amazônica a partir das poéticas orais, isto é, dos mitos e das lendas produzidas na Amazônia, tais como: a lenda da Matinta Perera, da Pororoca e do Boto cor-de-rosa. Como atividade, solicitamos aos alunos que produzissem histórias em quadrinhos sobre quaisquer lendas em sala de aula. A finalização do projeto com a turma foi realizada mediante o trabalho com contos e poesias amazônicas.

Apesar da literatura amazônica não ser valorizada nos livros didáticos e paradidáticos ou ainda ser desconhecida por alguns professores, há autores, grupos e projetos engajados em fazer com que os encantos dessa literatura capturem outras pessoas, principalmente em sala de aula.

Portanto, a aplicação do projeto nos confirma que é possível trabalhar a literatura amazônica em sala de aula de maneira atraente e sem a desfiguração ou destruição da obra literária. Outro ponto a ser ressaltado é que o trabalho com as poéticas orais na escola é imensamente produtivo e não deve ser deixado de lado, pois os textos de tradição oral e popular, segundo Fares (2013), são frequentes tanto nos

circuitos letrados como no cotidiano de qualquer um de nós sob a forma de provérbio, cordel, máxima, dito popular etc., ou seja, também são literatura.

5 Considerações finais

Iniciamos esta pesquisa buscando respostas para as seguintes perguntas: 1. Qual o lugar da produção literária amazônica na vida das pessoas que vivem nesta e em outras regiões do Brasil? 2. Com que frequência os autores amazônicos aparecem nos livros didáticos e paradidáticos de circulação nacional financiados pelo MEC? 3. Será que podemos estimular nossos alunos à leitura de textos produzidos no anfiteatro amazônico?

A partir das discussões realizadas, entendemos que a leitura literária em sala de aula deve ser desempenhada de maneira prazerosa, sem a imposição de fichas de leitura ou preocupações com regras gramaticais.

Outro ponto a ser ressaltado é o de que não existem fórmulas mágicas para o ensino de literatura, por isso deve-se ter cuidado com as *motivações* direcionadas aos alunos, como as excessivas dramatizações dos textos, pois estas podem desfigurar a obra literária e desestimular a leitura, ou seja, não podemos fugir de alguns encaminhamentos tradicionais que o ensino de literatura toma.

No que se refere ao uso dos livros didáticos e paradidáticos em sala de aula, compreendemos que muitos professores ensinam apenas aquilo que o livro impõe, como os fragmentos de obras literárias e a História da Literatura. Quanto ao ensino de literatura amazônica, conforme pesquisa realizada por Silva (2013), percebemos que os livros didáticos e paradidáticos não se preocupam em valorizar os autores provenientes da região norte do país. Além disso, muitos professores, que fazem parte do processo de seleção dos livros a serem trabalhados nas escolas da região amazônica, também não demonstram tal preocupação, uma vez que privilegiam apenas o cânone.

Entretanto, embora haja descaso em relação à literatura amazônica pelo poder público, autores, editoras e muitos profissionais de Letras, há pessoas engajadas em levar os encantos dessa literatura para as ruas, praças e escolas.

Assim, concluímos que a literatura amazônica praticamente não tem seu lugar reconhecido no país e, tampouco, na região amazônica, haja vista que os livros didáticos e paradidáticos a ignoram. Todavia, podemos estimular nossos alunos à leitura de textos produzidos no anfiteatro amazônico, haja vista que as obras produzidas em nossa região refletem a nossa forma de perceber o mundo, as culturas e a natureza.

Referências

FARES, Josebel Akel. O não lugar das vozes literárias da Amazônia na escola, *Cocar*. Belém, v. 7, n. 13, p. 82-90, jan./jul.2013. Disponível em: <<http://paginas.uepa.br/seer/index.php/cocar/article/view/244>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993.

REZENDE, Neide Luzia de. Literatura e escola: a questão do valor na ficção voltada para crianças e jovens. *In: SIMPÓSIO DE LITERATURA INFANTOJUVENIL E FORMAÇÃO DO LEITOR DA AMAZÔNIA*, 1., 2013, Belém. *Anais...* Belém, UFPA, 2013. p. 16-24.

SAMPAIO, Enderson de Souza; SOUZA, Maria Luiza Germano de. A perspectiva do ensino de literatura nos livros didáticos de português: o que se ensina quando se ensina literatura?, *Entreletras*. Araguaína, v. 6, n. 1, p. 22-33, jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://revista.uft.edu.br/index.php/entreletras/article/view/1490>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

SILVA, Paulo Demetrio Pomares da. A literatura de expressão amazônica e as políticas de fomento à leitura: histórias, descasos, militâncias e resistências. *In: SIMPÓSIO DE LITERATURA INFANTOJUVENIL E FORMAÇÃO DO LEITOR DA AMAZÔNIA*, 1., 2013, Belém. *Anais...* Belém, UFPA, 2013. p. 89-104.

ZILBERMAN, Regina (Org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.